

Como simular conhecimento: insinuações literárias

Marcelo Rodrigues Jardim¹

RESUMO: Objetiva-se, neste artigo, analisar o conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto, e a crônica “Guia para cultura social”, de Paulo Mendes Campos, buscando mostrar como os autores trabalham uma situação da vida sociocultural conforme as características próprias de cada gênero literário. Ambos os textos se referem ao ato de simular conhecimento no meio sociocultural para se atingir um fim.

ABSTRACT: This article analyzes the short story "O homem que sabia javanês" ("The man who spoke javanese"), by Lima Barreto, and the chronicle "Guia para cultura social", by Paulo Mendes Campos. It seeks to demonstrate how the authors present a situation from the socio-cultural life according to the specific characteristics of each literary genre. Both texts refer to the act of simulating knowledge in the socio-cultural realm in order to reach an end.

PALAVRAS-CHAVE: Conto; Crônica; Literatura e Sociedade; Lima Barreto; Paulo Mendes Campos.

KEYWORDS: Short story; Chronicle; Literature and Society; Lima Barreto; Paulo Mendes Campos.

Ao falar a respeito do conto contemporâneo, Alfredo Bosi (2008) faz algumas considerações que esclarecem pontos importantes a respeito do conto em geral. Um desses pontos diz respeito à invenção temática, na qual o conto, em vários momentos de sua história, tem se mostrado um lugar privilegiado para a representação de situações da vida humana em várias esferas, por exemplo, a cultural e a social. Bosi é bem categórico ao afirmar que são situações, tendo em vista que a própria forma literária do conto não permite um trançado muito grande de eventos. Assim, de modo rápido e intenso, o contista pode convergir personagens, ações e “um discurso que os amarra” para um “movimento interno de significação” (BOSI, 2008, p. 8), atingindo a

¹ Doutorando em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina. Título da pesquisa: *Cartografia de poéticas orais da região Sul: folcloristas do século XX*. Bolsista CAPES. Contato: marcelorjletras@hotmail.com

unidade necessária das partes. Bosi ainda sugere que o contista “é um pescador de momentos singulares cheios de significação” (BOSI, p. 9) e, ao perceber uma situação da realidade, pode trabalhá-la de modo literário.

Por sua vez, uma das características da crônica é a sua brevidade, até por que seu principal veículo, o jornal, não permite maior duração. Ao invés de trabalhar com cenários admiráveis, conforme lembra Candido (1992), o cronista lança seu olhar para os pequenos fatos do cotidiano na busca por um momento lírico, com a intenção de fazer críticas etc. Às vezes, por trás da aparente simplicidade, a crônica mostra aspectos da condição humana, os quais no dia-a-dia parecem fugazes, mas que na mão de certos autores transformam-se, adquirindo relevo e ultrapassando o circunstancial. Pode-se dizer que, do mesmo modo que no conto, na crônica tem-se o aproveitamento de uma situação, da qual o cronista tira seu tema e o trabalha conforme as características próprias do gênero.

Fica a impressão de que é de um aspecto da vida em sociedade que Lima Barreto (1994), no conto “O homem que sabia javanês”, e Paulo Mendes Campos (1980), na crônica “Guia para cultura social”, cada qual em seu tempo-espço, aproveitam elementos para o processo de criação literária. Esse aspecto, ou situação, percebidos, refere-se ao conhecimento superficial apresentado em sociedade, o que permite, por exemplo, a alguém atingir um fim apenas se utilizando do senso comum maquiado de erudição. Considerando esses pressupostos, intenciona-se, neste trabalho, fazer uma análise dos dois textos mencionados, objetivando verificar como os autores percebem essa questão sociocultural e a trabalham conforme as características próprias de cada gênero.

Já no início do texto de Lima Barreto, temos a caracterização do personagem Castelo, que é também o narrador dos acontecimentos. Mas, ao invés de descrever com minúcias, o contista, tecnicamente, prima pela apresentação rápida e sutil, para desenvolver melhor os traços do personagem-narrador no decorrer dos diálogos.

No primeiro parágrafo, o personagem-narrador apresenta o local em que ocorre a conversa com seu amigo Castro, no caso, uma confeitaria. Os dois estão tomando cerveja. Ainda nesse parágrafo, ao mesmo tempo em que há a antecipação do que será contado, os primeiros traços do caráter do personagem são mostrados, como pode ser percebido no instante em que ele conta a respeito de golpes dados “a certas convicções e respeitabilidades” (BARRETO, 1994, p. 32). O segundo parágrafo auxilia o primeiro na caracterização, pois ali é possível perceber com mais clareza que o personagem-narrador é um representante típico da malandragem, cuja atividade é enganar outras pessoas ao simular características socioculturais. Como todo bom golpista, Castelo conhece suas vítimas, sabe o que deve esconder para conquistar confiança. Assim, conta ter escondido certa vez sua “qualidade de bacharel” para que seus “clientes” acreditassem ser ele feiticeiro e adivinho. A escolha por essa forma de caracterizar o personagem-narrador antes de apresentar os fatos desdobra-se num modo irônico de fazer crítica social. Segue-se a análise para verificar como isso fica sugestivo.

No momento em que entram os diálogos entre Castelo e Castro, fica mais exposto o quanto o personagem-narrador tem um caráter que se distancia daquele que, usualmente, se concebe em relação ao intelectual. Castelo não gosta de levar uma vida sistemática, gosta de aventuras. O tom apresentado pelo personagem-narrador quando conta deixa transparecer certo orgulho cínico.

Ao contar uma das aventuras, Castelo diz ter fugido de pensão em pensão, pois vivia na miséria e não sabia como ganhar dinheiro. Até o instante em que lê um anúncio em jornal solicitando um professor de língua javanesa. O personagem-narrador percebe haver ali a possibilidade de ganhar dinheiro, pois poucos saberiam esta língua, o que facilitava sua provável contratação. Imagina que, ao se tornar professor de javanês, ganhará dinheiro e não mais se encontrará com suas vítimas anteriores. Mesmo de modo sutil, até essa parte do conto

ocorre uma desqualificação moral/intelectual do personagem-narrador. Dificilmente o leitor não perceberá que se trata de um golpista.

Os meios utilizados por Castelo estão bem delineados. Ele dirige-se à Biblioteca Nacional sem saber o que procurar. Consulta uma enciclopédia e em poucos minutos grava o básico a respeito de Java. Por meio dessa enciclopédia, ele fica sabendo que há trabalhos sobre a tal língua. Não hesita. Escolhe um desses trabalhos a fim de copiar o alfabeto e sua “pronunciação figurada”. Castelo decora o alfabeto javanês, consulta a bibliografia e a história literária da língua. Como pode ser percebido, o conhecimento adquirido é superficial, mas é o suficiente para o personagem-narrador atingir seu objetivo: manter aparências para ganhar dinheiro.

O personagem-narrador, ao manter contato com o doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, cujos nome e título denunciam a classe social, sente-se incomodado, pois o ancião lhe passa aura de respeito. Castelo hesita, mas fica. O Barão faz várias perguntas, as quais o golpista responde com mentiras. Castelo conhece a sociedade em que vive e sabe sair de situações incômodas com evasivas, como no seguinte trecho:

— O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

— Não tenho que admirar. Tem-se visto exemplos e exemplos muito fecundos... (BARRETO, p. 37).

Até esse ponto da narrativa, quem está lendo já conhece todas as características do personagem-narrador, sabe que Castelo tem conhecimentos superficiais e utiliza-se de sua experiência como golpista para enganar o Barão. Desse ponto em diante a ironia beira o sarcasmo.

Castelo fica sabendo o porquê da necessidade de um professor de javanês. O avô do Barão tinha lhe dado um livro escrito em língua pouco usual. Quem o lesse evitaria desgraças e seria abençoado pela felicidade. Justamente por estar passando por uma época difícil, o

Barão lembrou-se do livro, acreditando ser possível mudar a situação caso conseguisse ler o que estava escrito.

O personagem-narrador aproveita dados com os quais possa mostrar-se sério e erudito. No caso, informa ao Barão que o livro foi escrito por um príncipe javanês, de nome Kulanga. Só que ele chega a essas informações por meio do prefácio, o qual estava escrito em inglês. Castelo sabe manter as aparências, por isso continua folheando o livro. Após ser contratado, começa a dar suas aulas.

Castelo fica conhecendo a filha e o genro do velho homem. Nesse ponto o narrador é bem irônico ao falar do genro do Barão, pois este acaba por admirar os conhecimentos de Castelo: “Que coisa única! Ele não se cansava de repetir: 'É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah!, onde estava!’” (BARRETO, p. 38). A maneira como Lima Barreto estruturou o texto, ou seja, apresentado o caráter do personagem-narrador antes de passar ao ocorrido, possibilita perceber a ironia desse trecho, pois o leitor sabe que o conhecimento de Castelo é ínfimo.

Em pouco tempo, o Barão desiste do aprendizado e pede a Castelo que apenas traduza o livro. O personagem-narrador dirige-se ao amigo Castro, gabando-se da situação: “Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impigi-as ao velhote como sendo do cricon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...” (BARRETO, p. 39).

Castelo vai morar na casa do Barão, recebe presentes e aumento de ordenado. O Barão, por sua vez, melhora as condições de vida ao receber uma herança, fato que ele julga ser em decorrência das leituras do livro javanês. O personagem-narrador acaba por perder os remorsos que ainda sentia, mas continuava com medo de ser desmascarado. A ironia chega a seu ponto alto: o professor de javanês recebe recomendação para ser diplomata. Na Secretaria dos Estrangeiros, Castelo é recebido com admiração pela maioria, mas um dos escreventes lança um olhar de ódio. Nesta parte, fica contundente um dos tipos de conhecimento que é valorizado na sociedade:

O diretor chamou os chefes de seção: “Vejam só, um homem que sabe javanês - que portentol!” // Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então, sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!” // O tal amanuense que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro. (BARRETO, p. 39)

Conforme pode ser percebido no trecho, há a valorização do conhecimento singular, principalmente o exótico. O javanês não tem importância para a sociedade, assim como o canaque. Mas quem detém esse tipo de conhecimento incomum acabaria por ser valorizado no meio social, mesmo que esse saber não tenha qualquer importância mais substancial.

Castelo não é indicado para a diplomacia, devido ao seu físico, mas virará cônsul, na Ásia ou Oceania. Antes, porém, há a solicitação para que ele vá ao Congresso de Linguística representar o Brasil. O personagem-narrador é irônico ao falar a seu amigo Castro: “Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o País em um congresso de sábios” (BARRETO, p. 40). A crítica ganha relevo nesse ponto, pois como um homem que tem conhecimentos nulos pode chegar ao alto escalão social, no meio de “intelectuais”.

O Barão morre. Castelo busca ler revistas e livros especializados, mas não consegue entender nada das línguas máleo-polinésicas. Julga que é a boa vida o motivo de não ter energia para aprender tudo aquilo. Mesmo assim, sua fama continua a aumentar na sociedade. Gramáticos e eruditos pediam a sua opinião. Jornais escreviam a respeito de seu saber. Recusou turmas de ensino e escreveu um artigo sobre a literatura javanesa antiga e moderna. Nesse ponto, Castro interrompe, indagando como ele conseguiu escrever sobre literatura. A resposta de Castelo: “Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografia, e depois citei a mais não poder” (BARRETO, p. 40). Como se vê, o personagem-narrador

conhece os atalhos para conseguir o que quer, isto é, conhece as brechas na sociedade que permitem a ele a manutenção de aparências.

Castro pergunta se nunca duvidaram de seu conhecimento. Castelo diz que não, mas que passou por apuros quando foi preso um homem que falava uma língua estranha. Vários intérpretes foram chamados, inclusive Castelo. Quando ele vai ao tal homem, já o haviam soltado, devido a um cônsul holandês que havia se feito compreender em palavras holandesas. O personagem-narrador diz uma frase que deixa claro um dos traços desse conto: o humor: “E o tal marujo era javanês - ui!”. A interjeição é muito sugestiva, um misto de alívio e ironia.

Castelo ganha reconhecimento público, é recebido pelo presidente e torna-se cônsul em Havana. O conto termina com um diálogo sarcástico:

— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja. //
— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser? // —
Quê? // — Bacteriologista eminente. // — Vamos? // — Vamos.
(BARRETO, p. 41-42).

Lima Barreto, segundo informa Nicolau Svcenko (2003), tinha grande preocupação com a intelectualidade que dirigia o país. Na opinião dele, havia muitos charlatães e especuladores. Assim, o conto pode ser relacionado a um contexto mais definido, no caso, ao momento sociocultural da *Belle Époque*. No entanto, a forma como o texto foi elaborado possibilita uma ampliação de sentido, podendo atingir não só o contexto imediato, mas também outro espaço-tempo, principalmente, quando a estrutura social apresenta problemas semelhantes. Na crônica “Guia para cultura social”, é possível perceber um sentido muito próximo deste apresentado no conto de Lima Barreto, ou seja, uma crítica ao meio social que permite a maquiagem do saber por meio de repetições do senso comum ou da utilização de elementos superficiais.

A crônica é uma resposta à solicitação de um leitor, Doutor Godofredo, o qual pede ao cronista dicas de obras literárias, já que

conhece obras não-científicas, mas não as de literatura. A linguagem formal utilizada pelo Doutor Godofredo contrasta com a utilizada por Paulo Mendes Campos, no instante em que este quebra a formalidade e o tom grave. O autor não utiliza o jargão próprio dos críticos literários. Prefere ironizar a forma de expressão dos guias culturais (*Bluffer's Guide*).

Após a ruptura inicial com a formalidade, o cronista causa um estranhamento, uma quebra da expectativa, ao dizer algo diferente do que, geralmente, esperaria o leitor. Ao invés de citar as obras consideradas importantes, afirma não ser necessário ler qualquer tipo de livro para se tornar homem culto. Para tanto, bastaria ler a primeira frase, singular em relação a todo o restante do livro.

O cronista simplifica a ideia: “pela primeira frase, o senhor pode conhecer um livro inteiro” (CAMPOS, 1980, p. 20). O termo “simplificando” é colocado num lugar estratégico, pois será o momento em que ele deixará de “teorizar” para mostrar como se dá na prática. Ora, teorias exigem aprofundamento e tom grave. Na crônica, tem-se uma linguagem mais descompromissada, mesmo quando o objetivo é falar da própria crônica. Assim, o cronista busca quebrar a gravidade do assunto, ao mesmo tempo, ironiza a própria situação do Doutor Godofredo, que almeja alcançar o conhecimento pela forma mais simples.

Aliás, o Doutor, na realidade, não está atrás de conhecimento, mas de algo que lhe dê prestígio social. Esse é um dos pontos (o prestígio social) que o cronista retomará em muitas partes dessa crônica. Quando ele comenta a respeito d’A *metamorfose*, de Franz Kafka, diz uma frase muito sugestiva: “O senhor já ouviu falar nele.” (CAMPOS, p. 20). A frase é uma afirmação. Godofredo com certeza não leu o livro, mas já “ouviu” alguém comentando a respeito dele. O cronista cita a primeira frase do livro, antes, porém, brinca com o jargão médico: “Fique de olho clínico”. Em seguida sugere que, devido à primeira frase, o livro seria ridículo, por isso não valeria a pena ler. Nesse ponto, há uma frase que faz ligação com a citada logo acima:

“Mas, como todos em torno falam de Kafka, examine melhor a frase que tanto o desagradou” (CAMPOS, p. 20). O livro não valeria pelas suas qualidades expressivas, mas por ser uma obra que o meio social considera importante conhecer.

Pela forma como Kafka escreve, diz o cronista, ele é “biruta”, assim o Doutor deveria dizer que o escritor era “estranho ou estranhíssimo”. Há referências a esses dois termos em outros momentos. Com isso, ao mesmo tempo em que o autor brinca com a situação, ele está apenas repetindo o senso comum, pois uma das características das obras de Kafka, principalmente *A metamorfose*, é justamente o estranhamento causado na primeira leitura. Há a sugestão de que não é necessário ter conhecimentos profundos, mesmo ideias superficiais são o bastante para impressionar.

A próxima “dica” do cronista ao Doutor Godofredo: informações fora do texto literário também podem ajudar a obter respeito intelectual junto à sociedade. Assim, uma pequena olhadela pela orelha do livro pode trazer vários elementos.

Num outro ponto da crônica, ao insinuar que André Gide é francês, devido ao nome, o cronista, de certa forma, debocha da situação: “Como o sagaz doutor não consegue deduzir mais nada...” (CAMPOS, p. 21). Sagaz é quem tem perspicácia, agudeza de espírito. Se Godofredo apresentasse sagacidade, perceberia o quanto a sua solicitação vai ao desencontro de princípios essenciais da literatura, como humanizar por meio da percepção de mundo expressa na obra literária, algo que exige, sem dúvida, leituras mais profundas.

Quando comenta a respeito da obra *O príncipe*, de Maquiavel, o cronista insinua que a linguagem utilizada nesse livro pode tanto identificar “experiência do assunto” quanto demonstrar “vulgar pedantismo”. Pedante é aquele que busca ostentar erudição, deixando transparecer ar de superioridade. Considerando as relações contextuais desta crônica, pode-se interpretar que, neste ponto, mais uma vez, o cronista dirige uma crítica indireta a seu interlocutor, e, por extensão, à sociedade. Isto fica mais marcado ainda quando ele diz que podem ser

usadas adversativas vagas, como “não obstante tudo”, para se referir a uma obra, pois em “sociedade tudo se sabe, e ninguém irá perguntar-lhe o que o senhor pretende com aquele *não obstante tudo*” (CAMPOS, p. 22). Dessa forma, mesmo o pedante pode se passar por pessoa de alta erudição, desde que saiba dizer as palavras certas no momento certo. O senso comum também pode ser utilizado:

Umas poucas regras gerais, Doutor Godofredo: em se tratando de escritores portugueses, elogie o sabor da sintaxe lusíada; escritores franceses, a finura, digo, a *finesse*; escritores germânicos, a densidade; ingleses, o *fog* poético; eslavos, a psicologia inesperada; asiáticos, o misticismo milenar; africanos, o primitivismo; brasileiros, a força telúrica; norte-americanos, os fabulosos direitos autorais. (CAMPOS, p. 22).

A ironia perpassa essas “regras gerais” ao sugerir aspectos do senso comum. Na crônica, a voz se dirige ao Doutor Godofredo. Mas esse personagem é elencado para servir como representante típico de certas camadas da sociedade que procuram passar ares de erudição. Desse modo, aproveitando a carta do Doutor como pretexto, o cronista faz o seu recorte: criticar, de forma humorística e irônica, a mascaração do conhecimento na vida social. Essa intenção fica mais contundente quando há referência aos clássicos. Diz o cronista:

Como as pessoas que os leram são tão velhas ou tão mortas que não frequentam o *society*, é bastante elogiá-los indiscriminadamente. Diga: “Nada se compara à perfeita serenidade dos grandes clássicos”. As obras romanas, é preferível citá-las em latim. Se o senhor tem o cinismo dos vencedores, cite também os gregos em grego. Dá algum trabalho decorar, mas valerá a pena, pois é renome de humanista garantido. (CAMPOS, p. 22)

A premissa: conhecimentos superficiais, ou o senso comum, são suficientes para dar prestígio social. O cronista encerra com “chave de ouro” ao sugerir que o Doutor não deve se referir a qualquer livro que tenha lido, ou no máximo, deve fazer ar misterioso. Fala-se do que não se conhece.

Ao elencar características do gênero crônica, Antonio Candido (1992, p. 18) afirma que apesar do ar despreocupado de certas crônicas, elas “não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social”. Por sua vez, Arrigucci Jr. (1987) afirma que a crônica pode adquirir méritos literários, tornando-se, por meio do trabalho com a linguagem ou pelo humor, entre outros, um meio de conhecer a própria história e a própria realidade em que se vive. Ela pode ser o lugar em que se constrói a memória de um tempo (NEVES, 1995). É o que ocorre na crônica de Paulo Mendes Campos, a qual, de forma leve e humorística, apresenta uma crítica, mostrando aspectos da sociedade.

De certa forma, a crítica é muito parecida com aquela apresentada no conto “O homem que sabia javanês”. Aliás, em alguns pontos, há semelhanças muito grandes, por exemplo, Castelo utiliza vários meios para enganar o Barão, como no momento em que ele lê o prefácio do livro e com pequenas informações atinge seu objetivo. O cronista dá uma sugestão muito parecida a Godofredo: ler a orelha do livro. Como foi mostrado, essas são formas de manter as aparências de erudito. As duas obras sugerem que dentro da sociedade é possível atingir prestígio intelectual sem ter saberes amplos.

O cronista poderia ser objetivo ao informar o que o leitor queria. Mas para o bom cronista uma notícia, um fato miúdo, uma carta, entre outros, servem como “ganchos” para se falar de uma situação percebida no cotidiano. No caso de Paulo Mendes, ele constrói o texto por meio da ironia e do humor. Ao fazer as irônicas sugestões, o cronista insinua que o conhecimento humanístico apresentado no meio social carece de profundidade, sendo apenas repetições do senso comum ou superficialidades maquiadas com eloquência. Ele percebe uma sociedade que viveria de simulações, de aparências, ironizando a situação de modo literário.

Por sua vez, Lima Barreto acreditava que na época da Primeira República os medíocres eram glorificados e havia um processo de decadência intelectual (SEVCENKO, 2003). No meio social, haveria

peessoas que atingiriam *status* sem ter uma capacidade intelectual realmente de destaque. Uma situação que se assemelha àquela percebida pelo cronista.

Como foi visto, Castelo consegue posição de destaque na sociedade devido ao seu conhecimento singular. Ele é um especialista em cultura javanesa, pelo menos na aparência. Como tal, é consultado por outros estudiosos e representa o Brasil em congresso. Seu saber não tem grande importância para a sociedade, mesmo assim o personagem-narrador ganha *status* social. Castelo consegue chegar até o ponto em que chegou por não encontrar nenhuma outra pessoa que pudesse desmascará-lo.

Segundo Nicolau Svcenko, Lima Barreto com frequência utilizava objetos e símbolos que representassem distâncias e precedências sociais, por exemplo, medalhas, jóias etc. Esses sinais exteriores delimitavam a área de prestígio e de poder na estrutura social. Era como se as pessoas fossem julgadas conforme a aparência com a qual se apresentavam. Todavia, esses sinais são externos e superficiais e por isso mesmo tornam externas e superficiais qualquer avaliação da capacidade de cada indivíduo (SVCENKO, 2003). Assim, pode-se entender que no conto há a sugestão de que até um golpista pode se passar por estudioso caso conheça um pouco da engrenagem sociocultural, no caso, conheça os sinais externos identificadores do “intelectual”.

O personagem-narrador mostra como conseguiu alcançar prestígio social. O cronista mostra como chegar ao prestígio social. Em comum, ambos demonstram, ou sugerem, que por meio de aparências e superficialidades é possível atingir respeito e *status* no meio sociocultural.

Enfim, mesmo vivendo em épocas diferentes, Lima Barreto e Paulo Mendes percebem situações problemáticas similares na estrutura social, no caso, percebem que o saber pode ser/estar maquiado para se atingir um fim. Os dois autores não trabalham a questão de modo direto. Com humor e ironia, constroem textos que possibilitam não só a

interpretação feita neste trabalho, mas também outras, principalmente devido à forma com que ambos trabalham a linguagem e a estruturação dos textos. Em todo caso, os dois textos demonstram que tanto o gênero crônica quanto o gênero conto podem nos revelar muito a respeito da sociedade no instante em que expressam literariamente situações da vida sociocultural.

Referências Bibliográficas

- ARRIGUCI JR., Davi. “Fragmentos sobre a crônica” In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.
- BARRETO, Lima. “O homem que sabia japonês” In: *A nova Califórnia e outros contos*. Sel. Flávio Moreira da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1994, p. 32-42.
- BOSI, Alfredo. “Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo” In: _____. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 7-22.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *Os bares morrem numa quarta-feira: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” In: _____. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.
- NEVES, Margarida de Souza. “História da crônica. Crônica da história” In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995, p. 15-31.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.ed. rev. amp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.